

ALEXANDRE OTTO

três poemas

suados sob o sol latino

CULTURA



Edições
Governou do Estado



TRÊS POEMAS SUADOS
SOB O SOL LATINO



**GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS**

JOSÉ MELO
Governador do Amazonas

ROBÉRIO BRAGA
Secretário de Estado de Cultura

**ELIZABETH CANTANHEDE
MIMOSA PAIVA**
Secretárias Executivas

ANTÔNIO AUSIER RAMOS
Diretor do Departamento de Literatura

**KARLA COLARES
JAIR JACQMONT**
Assessores de Marketing

**Secretaria de
Estado de Cultura**

Av. Sete de Setembro, 1546
69005-141 – Manaus-AM-Brasil
Tels.: (92) 3633-2850 / 3633-3041 / 3633-1367
Fax.: (92) 3233-9973
E-mail: cultura@culturamazonas.am.gov.br
culturamazonas.am.gov.br



ALEXANDRE OTTO

TRES POEMAS SUADOS
SOB O SOL LATINO

CULTURA



Edições
Governo do Estado

Copyright © Secretaria de Estado de Cultura, 2014

EDITOR **ANTÔNIO AUSIER RAMOS**

COORDENAÇÃO EDITORIAL **JEORDANE OLIVEIRA DE ANDRADE**

CAPA **ÂNGELO LOPES**

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO **ANDRÉ MARTINS**

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA **GRÁFICA ZILÓ LTDA.**

REVISÃO **SERGIO LUIZ PEREIRA**

NORMALIZAÇÃO **EDIANA PALMA**

PROJETO EDITORIAL - VERSÃO ELETRÔNICA **LUIZ FELIPE | KARLA COLARES**

O89t Otto, Alexandre.

Três poemas suados sob o sol latino / Alexandre Otto. – Manaus: Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Estado de Cultura, 2014.

48p. ; 15x21cm

ISBN 978-85-65409-51-3

1. Literatura Brasileira – Poemas. I. Título.

CDD 869.1
CDU 82-1(81)

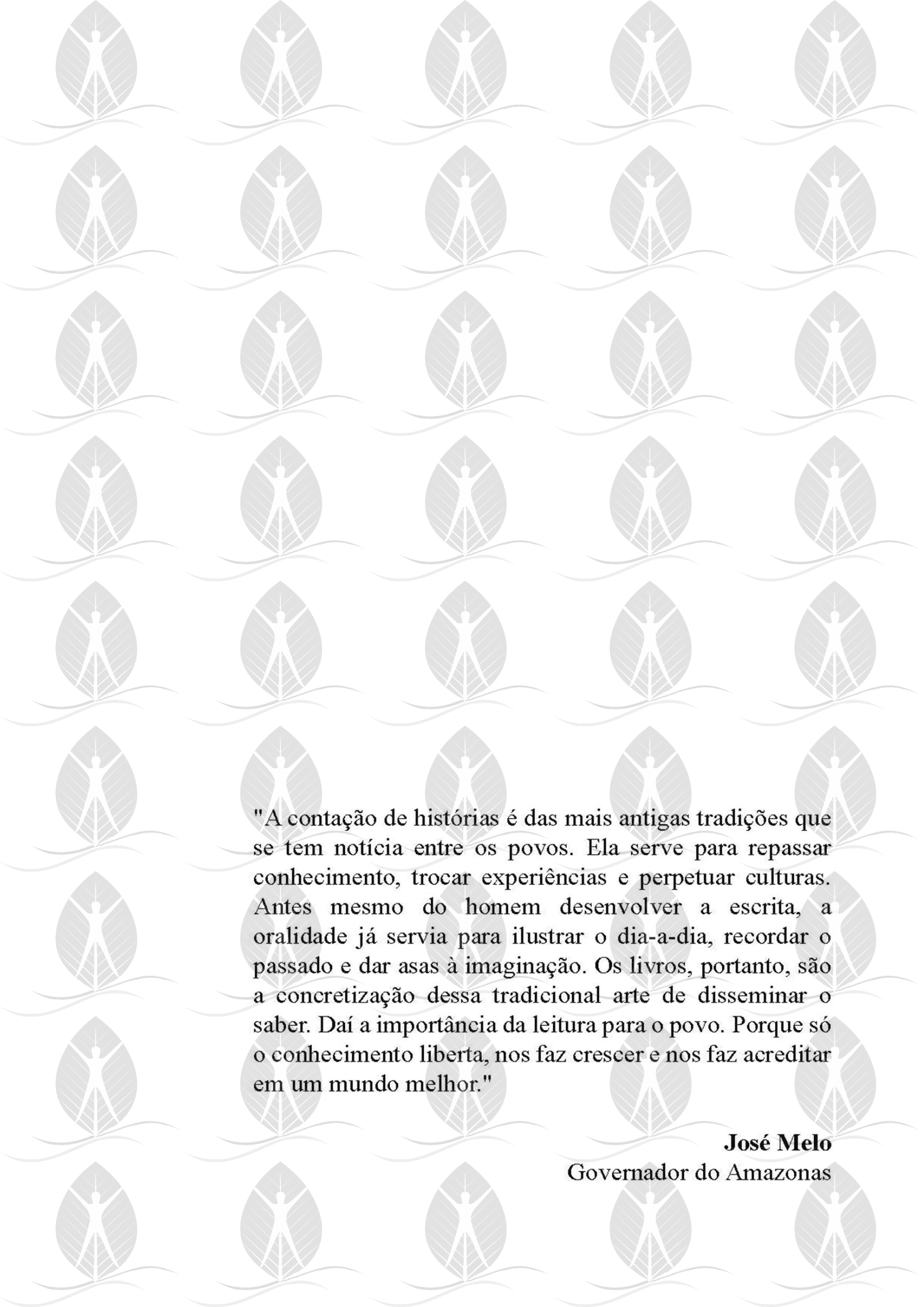
2014

GRÁFICA ZILÓ

Rua Ilídio Lopes, 82 - Japiim, AM, 69078-530

Tel.: [92] 2126-2300

WWW.GRAFICAZILO.COM.BR

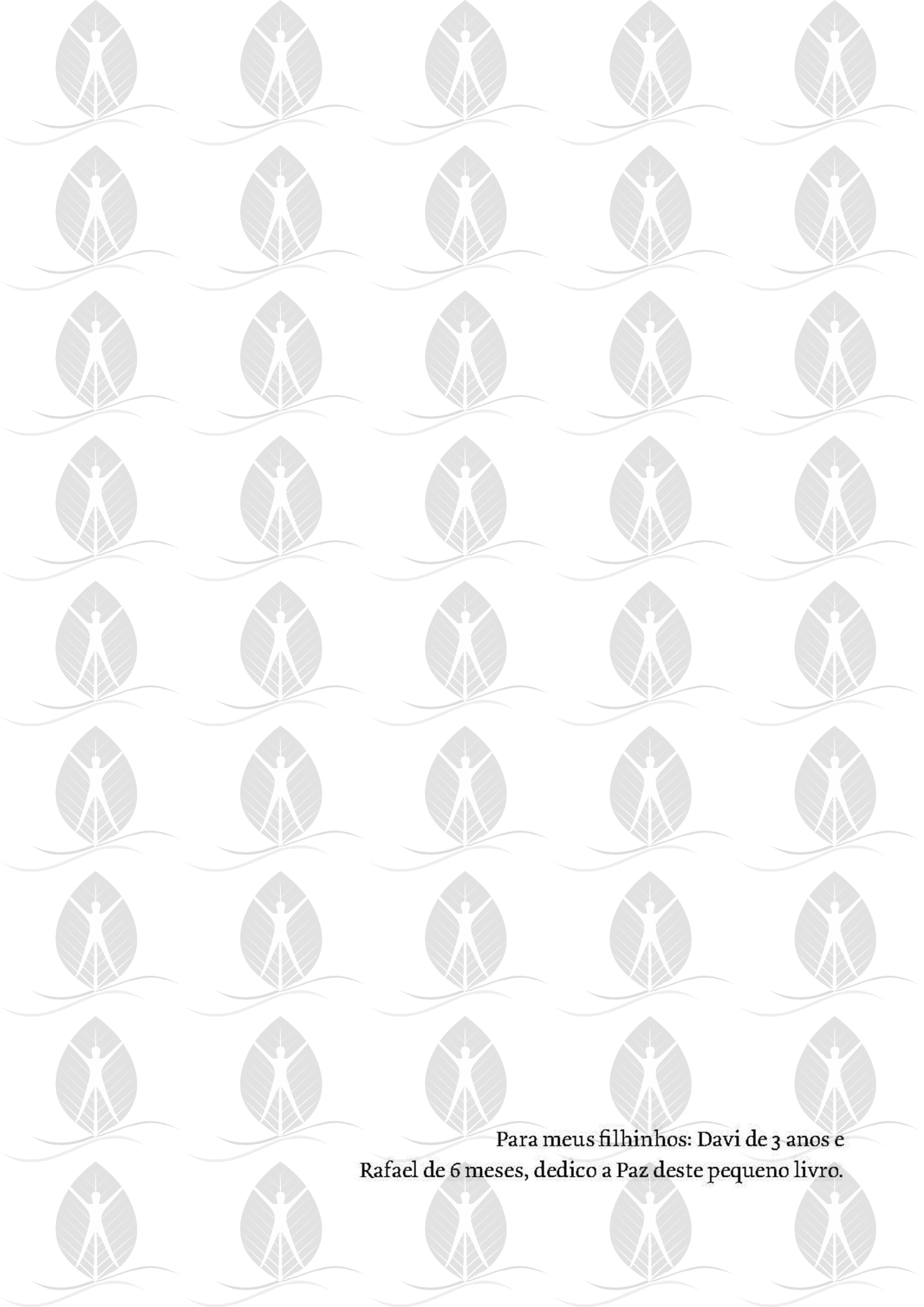


"A contação de histórias é das mais antigas tradições que se tem notícia entre os povos. Ela serve para repassar conhecimento, trocar experiências e perpetuar culturas. Antes mesmo do homem desenvolver a escrita, a oralidade já servia para ilustrar o dia-a-dia, recordar o passado e dar asas à imaginação. Os livros, portanto, são a concretização dessa tradicional arte de disseminar o saber. Daí a importância da leitura para o povo. Porque só o conhecimento liberta, nos faz crescer e nos faz acreditar em um mundo melhor."

José Melo
Governador do Amazonas

NOTA EXPLICATIVA SOBRE ESTE LIVRO ELETRÔNICO

Os direitos sobre todos os textos contidos neste livro eletrônico são reservados ao(à) seu(sua) autor(a) e estão protegidos pelas leis do direito autoral. Esta é uma edição eletrônica, não comercial, que não pode ser vendida nem comercializada em hipótese nenhuma, nem utilizada para quaisquer fins que envolvam interesse monetário. Em caso de uso acadêmico deste e-book, todos os créditos e referências devem ser dados ao(à) autor(a) e a Edições Governo do Estado.



Para meus filhinhos: Davi de 3 anos e
Rafael de 6 meses, dedico a Paz deste pequeno livro.



O domínio sobre um país
está nas mãos de Deus e
é Ele que a seu tempo,
suscitará um governador útil.
ECLESIÁSTICO: 10. - 4.



SUMÁRIO

Apresentação	13
TRÊS POEMAS SUADOS SOB O SOL LATINO	15
Poema das diretas	17
Canto ao profeta mártir dom Romero bispo de El Salvador	27
Poema pedestre	43



APRESENTAÇÃO



TRÊS POEMAS SUADOS
SOB O SOL LATINO

POEMA DAS DIRETAS

Estranha madrugada de ácidas estrelas
e amargas nuvens.

Meus joelhos expulsam
o oceano neutro.

O espaço imóvel no meio da multidão
emite asas, turbinas do maxilar

reinventando o grito veloz da manhã.

Todos gritam liberdade, todos alados,
cavalo e acrílico, gengiva e metrô,

somos a moenda brasileira nas praças.

Estou de pé, haste popular,

talo de cana afiando o homem,

forte de doçura, lança de respiração coletiva.

Suado em meus semelhantes matutinos,

sou luz, olhar de pomba contra o míssil.

Eu sou o Brasil, sou a paz gritando.

Quero comer o pulso da estrela,

derrubando a porta do gabinete,

com a explosão do galo.

A horizontal madrugada dos ubres
encharca minha varanda de lábios.

Espero abrir a boca com meus irmãos

e abocanhar a liberdade

mordendo o meu queijo,

nosso queijo inconfidente das Minas Gerais.

Hoje é o dia 21 de abril de 1984,
pólen pólvora de pássaros insignificantes,
teimosos tucanos populares.
Estamos a quatro dias das Diretas Já.

Mastigo angústias frias,
bebo a cachaça da relva anoitecida,
embriago-me de povo e esperança,
amarro o meu coração ao coração de Brasília,
para sonhar os deputados voando ao sol, águias legisladoras.
Chegou a hora, Diretas Já!

E quase esqueci de escrever este poema
(Libertas quae sera tamen).

Mas de repente
meus olhos criaram milhões de bocas.
Milhões no Rio, milhões em Minas,
milhões em São Paulo.
Minhas unhas, praças, pestanas e pênis,
incharam tubulações de assombro e amor
em meu corpo de ereções pacíficas

e fecundei a angústia de minha gente,
de minha Pátria, ali no ponto sensível
onde o coração floresce
o relógio da liberdade.
Chegou a hora, Diretas Já!

Chegou a hora, Bahia!
Ei, Minas, chegou a hora!
Dia 25 é proibido beber whisky com Reagan ou Thatcher,
ou ainda lambuzar-se
no caviar agressivo de Chernenko.

É proibido vender a alma nacional dia 25.
Dia de votar na emenda Dante de Oliveira,
deputado arisco,
mandacaru com horizonte de galo,
pescoço desse crepúsculo que chamamos lei.

Acorda, Brasil, teus filhos assíduos
estão nas praças,
arrancando a pele da miséria
para içá-la, estrela desfraldada
do nosso cotidiano e deserto estômago.
Acorda e reclama os direitos do arco-íris
que trazes na saliva
e nas travessas vazias de tua epiderme.

Sopro de mamas, o teto das costas
põe a mesa
e muge o clima circular da melancia,
nossa possível vida sem foices
e martelos americanos, ou russos,
ambos os telefones são vermelhos
como o sangue derramado na Polônia,
como o sangue engravidando o mar do Caribe.

Queremos vida, acoplamento de prato e estrela,
a possível astronave do painel humano,
amor, sorriso, suor
e um coelho branco
mordendo veloz a manhã do capim.

Queremos abraço, espaço de cereais e vento.
Na divisão do pão, a liberdade com óleos,
estômago inventando pássaros macios,

comida em revoada para o povo.
Chute de pombo contra a escuridão,

gol que precisamos fazer
como quem põe o charque
e o toucinho no feijão
e depois come com as pálpebras da barriga
sonhando céus de couve e azeite.

Cofre do povo, nossa simplicidade,
coisas que o umbigo da tarde
atrai com brisas
e tatos a farfalhar carícias.
Essas coisas grávidas, deputado, são nossas.

Tutano que telegrafia liberdade,
gordura de sermos nação,
possível país de amplos azeites
e outros crepúsculos postos à mesa.
Pasta de sóis e estrelas na boca da criança,
ouro escorrendo sem déficit
no canto da boca.

Olha a comida do povo!

Olha a comida do pássaro!

Nós, mestiços, somos e seremos sempre
uma bola branca de paz,
brasileiros campeões do mundo,
embora comendo feijão preto
que é mais barato
e porque black is beautiful.

Dia 25 é proibido não comer queijo de Minas.
Ei, Minas! queijos amolados. Salve! salve!
Viva Cláudio Manoel da Costa!

Chegou a hora, Tancredo!
Chegou a pororoca para encanaviar o mar,
cana canarana, tiririca e jurubeba,
meu Amazonas vota nas Diretas Já,
com este poema.
Abram alas pro povo
que o poema vai votar.

Gonzaga o poeta inconfidente
sorri uma pomba de farrapos e ecos
novamente nos céus de Vila Rica.
Ei, céus de passarinhos do meu país, salve salve!
Tiradentes gargalha suas vísceras de fogo
no bico multinacional dos abutres.
O Brasil esartejado por foices e dólares
sangra na multidão
o aperto de um sol cônico
Mesmo assim continua vivo
para gritar liberdade
nos postes do FMI: Diretas Já

Um raio de luz soletra
os vitrais da catedral de Brasília.
Uma prece de pivetes e prostitutas
sobe em tísico repuxo
e desce em papoula
como um voto puro das ramagens do céu.
Aureliano, varão ilustre,
brada às margens do Ipiranga: Diretas Já!
(God save the PDS)
Graças a Deus, vice-presidente!
E por falar em presidente,
Figueiredo volta do Marrocos
e promete como Ulisses (não confundir com o Guimarães)

o cavalo de Troia:
Eleições diretas para 88.
88 é muito longe, presidente.
E apesar de ser Fluminense,
gostar de cavalos brancos
e usar também óculos escuros
de uma cansada abertura,
eu galopo com meu povo na garupa,

estou agarrado ao meu Brasil de agora,
milhões de corações
batendo o tambor das praças.

E digo desarmado e pobre:
Chegou a hora, Diretas Já!

Agora o sonho trepará numa palmeira
e assoviará junto com o sabiá
as coisas do mar que são coisas do povo.
Lançaremos nossas redes ao oceano
e pescaremos a estrela fugida das orelhas,
ouviremos o sal e aprenderemos
as lições da formiga,
trabalhando, comendo, bebendo
e carregando seus acentos verdes.

Seremos um grande povo, culto, amoroso,
faremos nosso samba
novamente com algumas lágrimas de fogo,
afinal os corações brasileiros
são ritmados sempre
por ocasionais caixas de fósforos.

Brincaremos entre o índio e o jangadeiro,
o saque de Bernard e a usina atômica,
faremos nossa jornada,
consertando a esperança

dos dias perdidos
e das manhãs que não perderemos mais

Assaremos os peixes brilhantes
do nosso próprio suor
e comeremos com nossos filhos
a costela e o canto.

E as flechas brancas
dos nossos pacíficos olhos
voarão como pombas
a tecer no céu do dia
um livre abraço de olhares.

O Congresso será como a garça,
sol vivo, prato aparando estrela,
cerâmica cobrindo a ostra da lei.

Gente! minhas pérolas serão sonhos?
Ou ainda é noite nos sovacos políticos?

Marajó cria gado brabo,
o Pará parou pra beber o leite da democracia,
comício e coalhada, estamos azedos de sorte,
porque a esperança é azeda mas se come.
Estamos desarmados mas temos queijo,
queijo de Minas!

Temos opinião democrática, temos ubre
e cascos para correr os campos da liberdade.
Chegou a hora, Diretas Já.

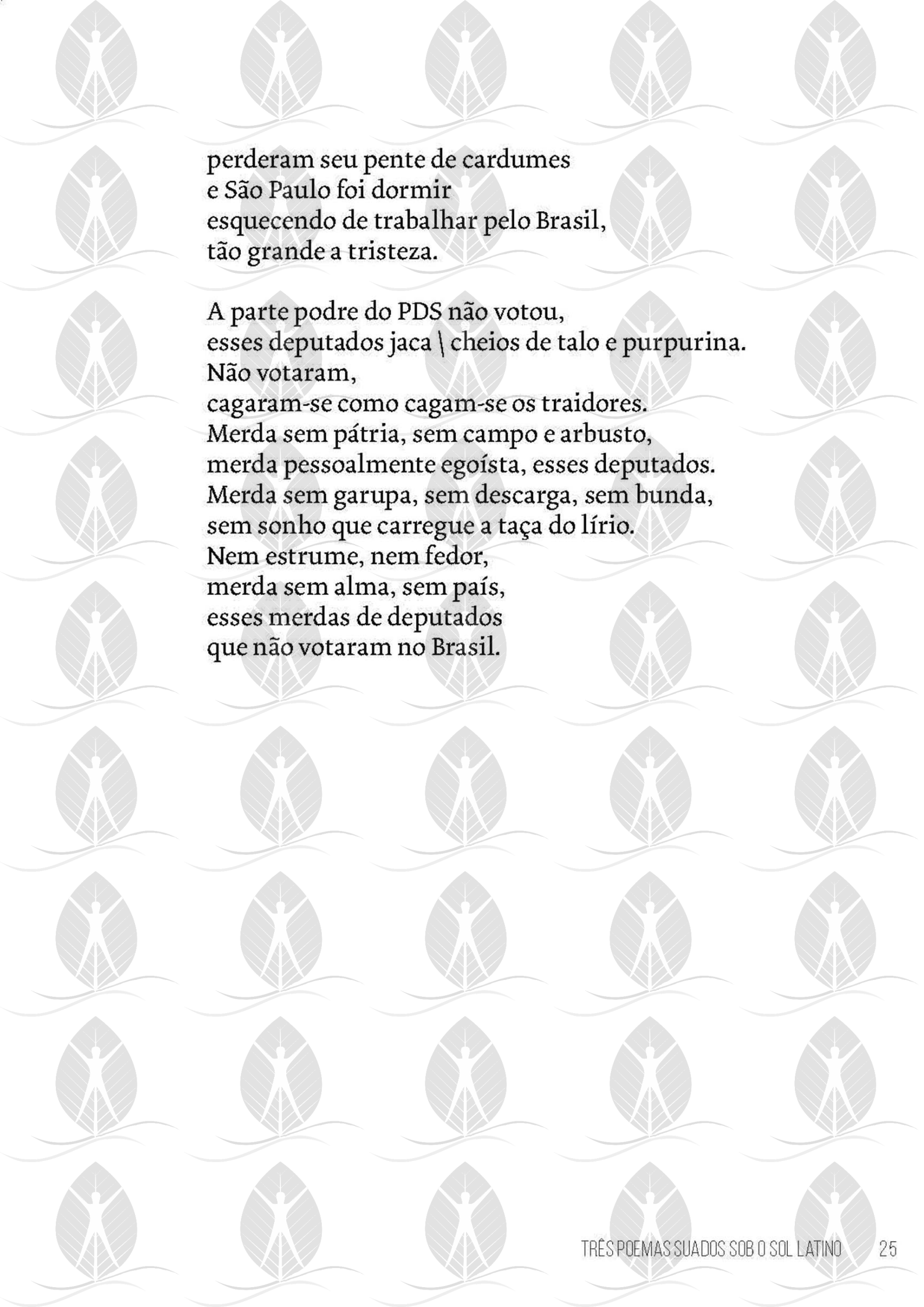
É o Brasil, minha gente, que quer as Diretas.
São as panelas vazias,
o bolso sem adobem,
as tripas do condor repetindo a miragem,
digestão para voar nossa penúria.
O vento morde o Pão de Açúcar
e Brizola bota a boca no trombone:

- Diretas Já!
São Paulo arregaça as mangas
e Montoro acelera o caminhão democrático
pelas estradas do povo.
Vamos votar, Brasil,
diretamente no pão, no café,
na emoção da espiga,
comendo em coco o nosso cuscuz
e em sanfona a nossa rapadura.
Os sapos votarão, as lesmas, surucucus
e cotovelos, anjos e ladrões, piratas e astronautas,
todos votarão e Juruna também:
Diretas Já!

Dia 25 de abril de 1984,
dia de vento, de cagar como os pássaros, voando,
dia de beijo na boca, de feijoada, futebol
e outros torresmos sérios
da nossa vida idolatrada
Pátria Amada,
Salve Salve,
Meu Brasil de Deus e do povo
Chegou a hora, Diretas Já!

PARTE 2

Hoje é o dia 25 de abril de 1984
Brasil 1 x Itália 2 – Copa do Mundo-82
O Brasil parou pra chorar
Hoje pior que isso,
a emenda não passou o
Borboletas choraram o colorido da manhã
As águas do rio Amazonas



perderam seu pente de cardumes
e São Paulo foi dormir
esquecendo de trabalhar pelo Brasil,
tão grande a tristeza.


A parte podre do PDS não votou,
esses deputados jaca \ cheios de talo e purpurina.
Não votaram,
cagaram-se como cagam-se os traidores.
Merda sem pátria, sem campo e arbusto,
merda pessoalmente egoísta, esses deputados.
Merda sem garupa, sem descarga, sem bunda,
sem sonho que carregue a taça do lírio.
Nem estrume, nem fedor,
merda sem alma, sem país,
esses merdas de deputados
que não votaram no Brasil.



CANTO AO PROFETA MÁRTIR DOM ROMERO BISPO DE EL SALVADOR

Foi ante os povos crucificados do Caribe,
entre a pressão lacrimal
de dois oceanos
e uma só gaivota ferida: a liberdade.
Foi ali no país de San Salvador,
na missa descalça
de uma igreja oprimida,
no exato momento
do sol repartir o pão e o vinho,
que Dom Oscar Arnulfo Romero
foi assassinado.
Caiu porém maduro
como caem as estrelas e os frutos.

Uma bala voraz,
múltipla de crimes e garras,
mordendo, roubando, metralhando,
latindo como as ditaduras gordas
diante da justiça,
assim entrou a bala assassina
em teu corpo inocente, Dom Romero



E caíste unguído de sangue.
Líquido missal de auroras cutâneas.
Sangue de horizontes
lavrando o solo da esperança,
agora sem o abstrato arrozal
que sonhavas cozinhar
no fogo da oração.
Plantaste a igreja nova
para a simplicidade das mangueiras,
e descascaste com os camponeses
o sabor de possuir a própria terra.

Torturado no espinho da lágrima,
o amor canta,
renovado de ramos e calejados ecos.
Pálpebra de silêncios maduros,
a fé trabalha nos ombros da luta
a rosa temporã dos mártires.
E é crepúsculo
a cauda do teu silêncio.

Prece numa duração de peixe.
Aroma, sal e âncora,
teus estágios de retina.

Transpordas em lágrima e vinho,
marejando magras geografias,
cobrindo de piedade e pano
a pele nua do continente.

Profeta,
teu sangue derramado
escreveu ainda quente no livro da terra
a página de mil pétalas.

Flor de silenciosa mecânica rubra,
inumerável como a chaga no peito de Cristo.
Tua última profecia foi teu sangue,
na esponja da liberdade embebido.
E caíste na terra soluçante de El Salvador.
Antes da queda, porém,
estava o sol na linha horizontal
de tuas mãos amanhecidas,
celestes eucaristia
despontando na cordilheira dos teus dedos.

Entre calos e lágrimas
a hóstia faz sol
e aquece a primeira plumagem da esperança,
teu gesto de estender as mãos
através da manhã.

O sangue circular do Cristo
misturou-se ao teu,
juntos crescendo como rios,
invadiram quartéis, gabinetes de execução,
estados-maiores,
transbordaram nos arsenais
e sufocaram de paz a pólvora e o fuzil.

Este rio se fez rum, cachaça e vinho,
correndo e aparando afluentes
nas bocas embriagadas de amor.
Núcleos de silêncios maiores,
explodiram entre a montanha e o oceano,
o pássaro de todos os gritos.
Alegria de ser cauim, fermentação lunada,
alma de fogo e flora,
embriagando de amor e justiça

o milagre do continente
no país de San Salvador

E este rio cresce.

Quanto mais cresce,
mais uvas se multiplicam
sob os pés dos homens livres.
América Central, garrafa em fermento,
doçura vitral vislumbrando na noite,
tubulações diurnas, armas de orvalho,
tabaco e gatilho a cuspir manhãs
por um pouco de paz.
Camponês sem terra,
canavial engatilhando o verde
na última e magra trincheira da esperança.

A água da Promessa
ainda corre descalça
às margens de um Jordão cru.
Peixes e tarrafas gritam
na flauta dos dentes
um sopro de dois mil anos.
Ressoa o corvo gástrico.
da fome que chora sem vasilhas.

Um cacto fura a pele da lua.
O orvalho deita na areia.
A solidão respira um momento de membranas.
As cascas da paisagem sem peso
fazem a digestão do menino e do abismo

Abelha e gafanhoto, mel e barba,
a calda do Profeta range os favos da justiça.
O santo passa, guerreiro de sandálias

e rosários voando sem bico,
fome e esperança, bolacha e afluyente,
caminhão de espera, quiabo e couve correndo
como pássaros de tantas vertigens maduras.
Sabemos resistir nessa fome,
temos remendo e tripa
e um padre feito de rodas e milho:
Dom Romero passando noite e dia
entre o cacto e a rosa,
o abraço suado de uma oração resistente.

Assim hoje te fazes rio,
alimento de peixes e pescadores.
Entornas tua alma de piracema
e vens pautando o luar
em escamas de céu e alimento.
Os ovários da noite cristalizam
tua visão de estrela.
E vens com lanternas, vaga-lumes
ou pupilas felinas, não importa,
são os olhos da noite
farejando transparências no olhar do homem.

Movimentam-se plantas e antenas
na superfície do teu sono.
E emerges com teu poderio de barbatanas e fogo constelado.
Saltas de horizonte a horizonte
o livre peixe de tuas pálpebras
e partilhas em rio aberto
a seda de tuas mãos pacíficas.
Teu canto de dura travessia
acode tarrafas, medos, velocidade sem vísceras.
E desenrolas os longos cabelos da onda
como uma carta para o poente.

Vens com as mãos unguidas de paz,
repartindo tendas, moquéns,
remanso de cheiro-verde
e pirão sobrando
na várzea quieta do prato.

Comendo farinha e peixe com os caboclos rijos,
ouves o tempo
e aprendes a leveza do sereno,
enquanto a noite sopra sobre o rio
uma bolha de ventos e vaga-lumes.

Sonhas o homem livre
como o lagarto espalha a sua furta-cor.
É que trazes na pele semelhante
o arco-íris do tato,
abraço geral de um sentimento
que assume a curvatura da Terra.

Plantas o solo geral da esperança,
assovias terra, soletras pântanos
e guerreiro armado de flores e orvalhos,
terrível como o arcanjo Rafael
que brande a estrela da manhã,
afias impassível o canavial de tua barba
nos ventos da promessa.

É nuvem o eco ao redor de tua prece,
chuva a tua profecia.

Foz de mãos se encontrando,
irmãos combinando a água
da travessia comum.

O remo, o peixe, a zagaia,
o estirão de água rebelada de sol.
O sangue e o suor latinos, eriçados,

canarana insaciável, afiada esperança,
ventos a favor do homem
Falas de amor e farinha.
Teu sermão transborda nos olhos da América.
Lágrima de ser irmão e continuar lutando.
Dom Romero está pregando.
A paz da água
lava os metais do crepúsculo.
A prece flue em cardume.
O rio Amazonas desce dos andes
como Cristo desceu da cruz
nas mãos de peixe de José de Arimateia.

A esperança se renova,
emite terra e ramagem
onde era silêncio e água,
se transforma em várzea, laminação de capim,
armada e magra resistência terrestre.
Chaga fluvial, sangue barrento dos beiradões,
dos paranás, dos grandes lagos
movidos a peixe,
paisagem verde
de uma cortina de garças.
Proa, coragem, espuma.
Águas aceleradas de piranhas.
Correntezas que devoram pedras.
Águas velozes,
mais velozes que a própria manhã
que desesperados esperamos
com os olhos circulados de enchente.
construído com respirações solidárias.

Paisagem crua, lágrima e canarana,
cortando o rosto em dois hemisférios: a febre e a fome

A maromba lotada de animais.
O vento farejando o gado trêmulo.
A sucuriju ataca. Ossos e músculos espremem
o último gemido de vida. Enchente, medo.
Madrugada de eco e membrana.
O galo canta,
reverbera o cristal da estrela.
Imensa foice transparente
decepa as vértebras da noite.

Amanhece.
O sol funde-se em olhos
e se derrama em lágrima, mata molhada,
vegetal iludindo o tempo,
testa com extensões de vidro,
glândula em cacho,
dia em serial de folha,
luz de origem capilar,
transfusões de flora,
ciranda de nuvens e rios.
Luz floresta veia. Copas em diamantes de sol.
Floração de arestas, seivas, aromas
e pássaros. Confluência da natureza.
Ondulações para o horizonte.
O rio move o continente. Eis o ciclo
de orvalho e suor.

Eis o sangue sem limites, sangue de Cristo,
o teu sangue de mártir, Dom Romero.
Sangue irreversível
nas veias fluviais da bacia amazônica.
Por isso rodeado de água e asa,
guardando a plumagem do crepúsculo
no cofre dos olhos,

eu com meus tesouros de retina e alma,
sou um pobre e desamparado poeta
em meus irmãos caboclos.
Sou índio sem terra, lavrador sem verde,
manhã coagulada nos peitos da cunhã.

Eu sou teu irmão, Dom Romero.
E são teus irmãos: o sonho, o sal e o sino.
O repentino galo da matutina estrela,
espora e fogo
fundindo em prata o novo dia.
E são irmãos:
Ernesto Cardenal, Dom Pedro Casaldáliga,
Dom Evaristo, Frei Leonardo Boff
e tantos guerreiros
que lutam armados de pássaros.

E Francisco de Assis que optou pelos pobres
como Puebla e tu, bispo de El Salvador.

Pobrezinho rio dos pobres,
rio de desamparados e oprimidos,
hoje rio do Nordeste,
magro rio São Francisco,
água como a tua lágrima, Dom Romero,
adoçando a rapadura amarga
desse meu Brasil retirante,
desse meu sertão seco
como as costelas dos anjinhos magros
que morrem de fome
ante a gordura militar do meu país.

Assim também acontece no Chile,
na Argentina,

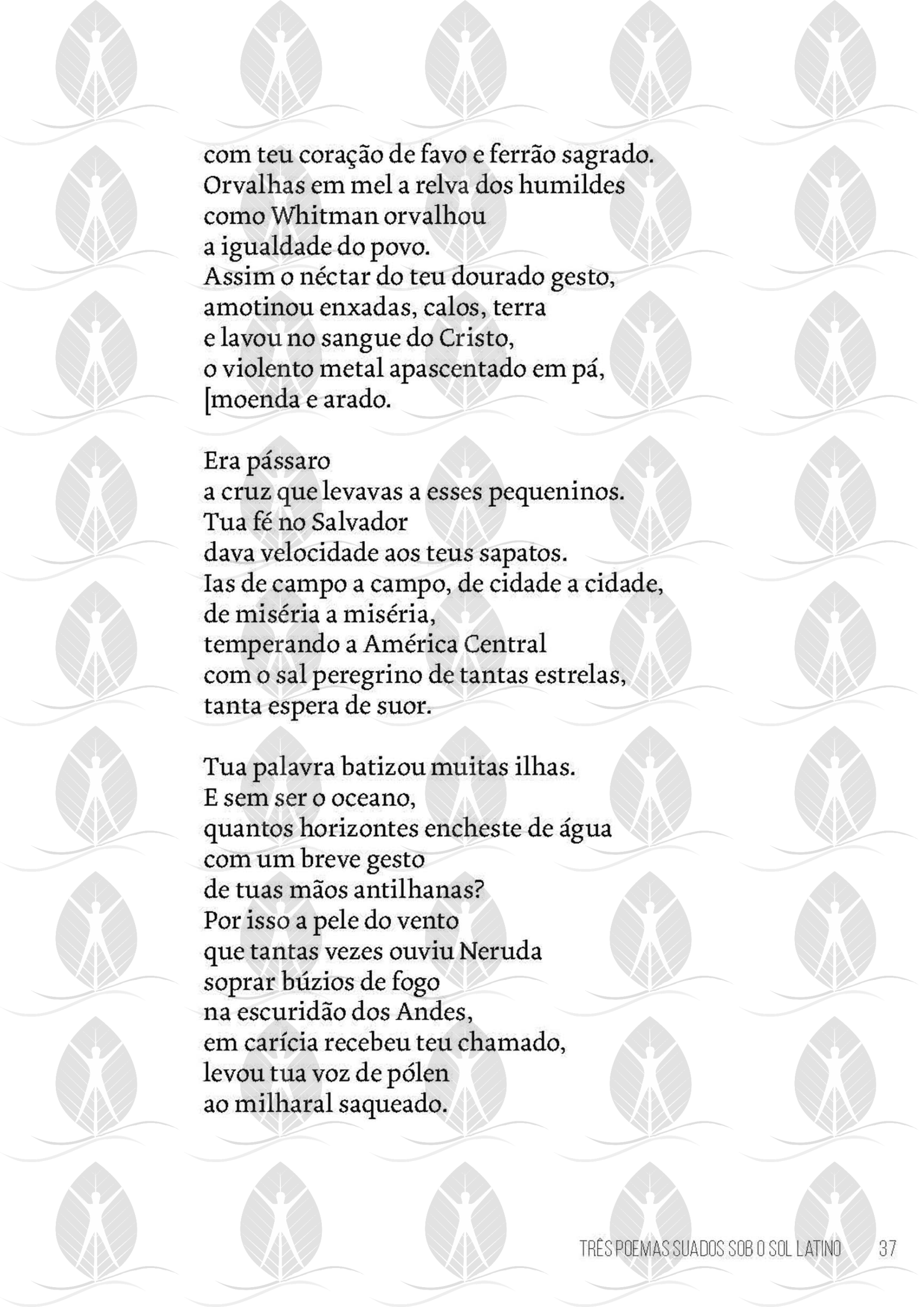
da Terra do Fogo às Antilhas,
a esperança geme de fome
na grávida barriga da América Latina.

É tua voz, Dom Romero,
o acalanto suave
que espalha em farinha a Ave-Maria.
E deixa nas mãos cansadas
o cereal luminoso das tardes fervidas em azeite

Tua santa palavra
fomenta a prece do trigo cevado.
E transportas
num lombo de ervilhas e cebolas
a aparição voluntária da vespertina estrela.

O povo aprendeu contigo
que é preciso lutar na força da água.
Reluzir nos espelhos das facas
os peixes do meio-dia.
Raio de sol derrubando o olhar do tirano.
Buritizal de curvas navalhas
decependo ventos noturnos.
O canto abrindo solidões sem ódios,
vertebrando em cachos
o dorso da travessia.

Assim te vejo sem armadilhas.
Tuas mãos têm pestanas molhadas de orvalho
e espiam com doçura
o camponês sem asas.
O trabalho fez ninho no lírio
e não pode voar aonde o suor alcança.
Intervens como um zumbido de abelhas,



com teu coração de favo e ferrão sagrado.
Orvalhas em mel a relva dos humildes
como Whitman orvalhou
a igualdade do povo.
Assim o néctar do teu dourado gesto,
amotinou enxadas, calos, terra
e lavou no sangue do Cristo,
o violento metal apascentado em pá,
[moenda e arado.


Era pássaro
a cruz que levavas a esses pequeninos.
Tua fé no Salvador
dava velocidade aos teus sapatos.
Ias de campo a campo, de cidade a cidade,
de miséria a miséria,
temperando a América Central
com o sal peregrino de tantas estrelas,
tanta espera de suor.

Tua palavra batizou muitas ilhas.
E sem ser o oceano,
quantos horizontes encheste de água
com um breve gesto
de tuas mãos antilhanas?
Por isso a pele do vento
que tantas vezes ouviu Neruda
soprar búzios de fogo
na escuridão dos Andes,
em carícia recebeu teu chamado,
levou tua voz de pólen
ao milharal saqueado.

O vento desfralda as crinas da tarde.
A pátria brota da palha
e da embocadura da terra.
Espigas são espadas de duros guerreiros
curtidos a sol e arado.
Justiça em milho e moenda
reverberando
o teu idioma de suave amido.
Teu sermão curva o ferro da vingança
e a própria ira do justo
se funde num golpe madrugador
de brancas enxadas.

Levavas na pá e na prece,
um pedaço de terra livre,
terra sem dono, sem latifúndio.
Profeta, prometeste a espera em couve,
a batata arrancada na gargalhada do solo.
O homem sorrindo sem rei e sem espada,
amigo e comum como a própria casa
do filho e da esposa, da mesa de madeira,
do fogo aceso na invasão do sol,
algumas flores na janela, uma Bíblia aberta,
o sorriso do vizinho anulando o muro
e um cão sonolento na porta da tarde.

Levavas um sonho. Um doce despertar.
Um abrigo de estrela.
Profeta,
o que prometeste se repete em ovo,
continua na Páscoa, nas missas,
repartindo o arroz, o feijão,
a esperança armada num doce talo de cana.




Vislumbraste para o amanhã
a vaca mugindo em diamante.
Manhã de ubres combinada,
pasteurizando o sonho, enchendo as vasilhas,
aquecendo em branco
a solidão cariada de milhões de bocas.

Sabias que nas fábricas
o tempo enlatava o tempo.
Mas sabias também
do operário acionando o futuro.
A chama do forno cuspiendo nas trevas do lucro,
do salário e do pelego.
E sabias que o homem tornou-se de cimento
e que a dura cidade de seus ossos
respira os tubos
de uma solidão tibia.

Assim é sugado o trabalhador
na própria medula de sua desgraça.
Favela nos dentes, na roupa,
no estômago.
Fome olhando a vida
com a vitrine dos olhos vazia.

O homem alimento
do chacal
da multinacional
da Federal
da Trilateral
da Ducal
da Dupont
do Banco
do batom



da justiça
da Meretriz
da lei
da atriz
da cidade
do cio
do porco
do petrodólar
do golfo
do gangster
da gonorreia
da gasolina
da porca
da poupança
do judas
dos juros
do povo
da pólvora
e do grande espetáculo pirotécnico
dos povos reunidos sob a Paz.

Mas demora a simplicidade do pão
sobre a rubra mesa do vinho.
O homem continua ainda
caindo na implosão da fome.
Comendo a esperança oca
de sua própria boca.
O homem
alimento de arranha-céu,
vítima crua
da digestão industrial, salarial, legal.

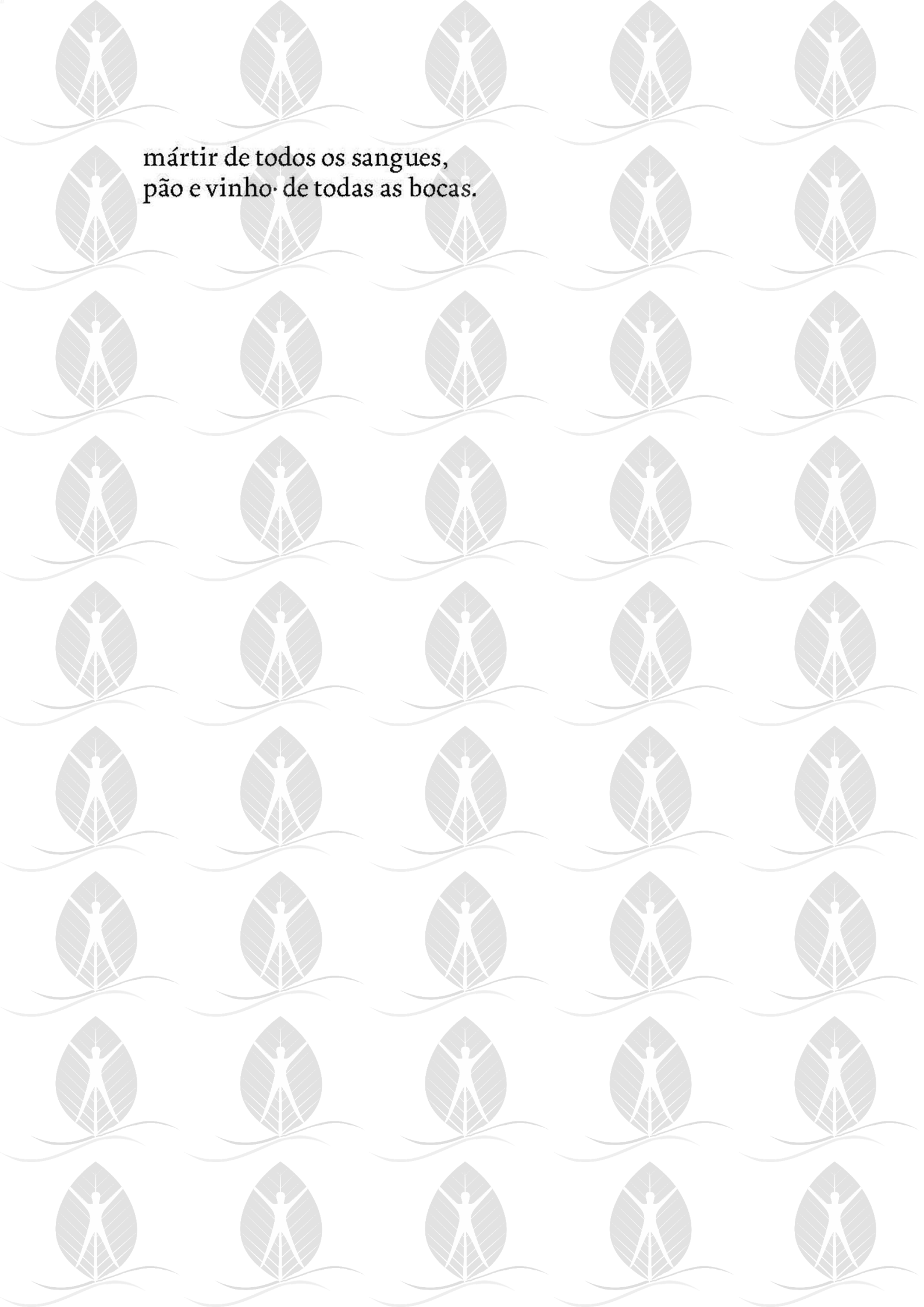
A tudo vias, Dom Romero,
como um relâmpago de aparição eucarística.

E lá,
diante do motim ondulante do mar do Caribe,
voltaste teus olhos de atlante
e viste um povo ferido no lado esquerdo,
exatamente no mesmo lugar
onde um soldado abriu o coração
de El Salvador.

Viste as rosas do sangue serem pisadas
por cavalos de pólvora
e viste generais
desfraldando em nome da Pátria
a pele do povo.
Um povo morrendo de opressão.
Bradaste, Santo guerreiro.
Tua voz levantou a liberdade
em asas de sementes,
poeira de manhãs rebeladas
como um diamante mordendo a testa do tigre.

Chegaste como o iguano.
Teu sol furta-cor
atravessou o vidro de um dia de esperança.
Sonhaste entre a vegetação e o pássaro,
o manso lagarto azul
do orvalho na folha.

Por fazeres da paz,
o vegetal comum da liberdade antilhana;
A respiração autônoma e anfíbia
na pele verde dos povos,
foste assassinado,
Dom Oscar Arnulfo Romero,



mártir de todos os sangues,
pão e vinho de todas as bocas.

POEMA PEDESTRE

Ei, Brasil, aonde vais?
Vais de ônibus, trem, metrô,
ou vais a pé mesmo
com teu mínimo pé de esperança.
E andas, Brasil, para onde?
Para onde, José? – já disse Drummond.
Cadê o barro? cadê o trator?
Cadê a estrada?
O pássaro colorido
voando no pincel da pestana,
cadê?
Cadê a sensibilidade brasileira,
esse tucano de poético bico madrugador?

Por isso te sentas numa pedra poente
e ficas olhando o mar.
Meditas no abismo
de tua própria pele magra.
Praguejas! insultas a mãe de alguém
que foi teu candidato político
e berras um outro palavrão
nos ouvidos do mundo.

Ei, Brasil, aonde vais?
Como vais de amor e de pirão?
E de cinturão também?

Gritas, xingas, esperneias,
fazes greve,
calculas, somas, multiplicas, divides, diminuis.
Examinas com déficit
a situação e o custo de vida.
Verificas o preço da batata e do feijão
com as pupilas dilatadas
e tentas num último suspiro romântico
uma flecha de cupido
no coração do teu salário.
Pronto, amor!
A bolha de sabão se faz,
breve ilusão de sobrevivência,
frágil esfera flutuando
entre o colorido do vídeo
e um disparo da vida em preto e branco:
BANG!
Era uma vez uma bolha de arco-íris
que nasceu do sufoco brasileiro.

Ei, Brasil, aonde vais?
Será que vais à merda?


Pode ser ou pode não ser,
that is the question.
Se Shakespeare fosse brasileiro
jamais teria escrito Ricardo III:
Cavalo é o que não falta,
burro também.
Atualmente a bandeira está cheia de grama,
verdinha como nos mais belos pastos
no tempo em que o Brasil era Colônia.

Não mudou quase nada.
Apenas a fome atingiu proporções digitais.
Hoje a metade dos brasileiros
já sabe assinar o nome da miséria.
Cada operário
como não sabe gritar um poema de amor,
obedece ao desencanto da lágrima,
baixa a cabeça e trabalha,
na esperança de que um dia
o pôr do sol
acenda a estrela das marmitas.

Ei, Brasil, aonde vais?
Vais de Varig, Vasp ou Cruzeiro?
Vais de ônibus?
Ainda é caro para o teu tostão.
Tu vais a pé do Oiapoque ao Chuí,
roendo o pão que o diabo amassou.
O diabo e seus ministros.

Mesmo assim, meu Brasil, tu vais,
com tua roupinha suada
e a saliva atravessada
no horizonte da garganta.
E vais andar um bocado,
gastar o solado da tua esperança.
Mas, Brasil, tu vais.

O Mobral quer te dar carona.
A Funai quer te dar carona.
O Ministério dos Transportes,
o Ministério da Educação
e o Palácio da Alvorada
querem te dar carona.



Brasil, pega a carona.
Estás doído, multinacionalmente roído
como um queijo suíço.

Ei, Brasil, pega a carona.
Leva tua esposa seca,
teus filhos cavados de fome,
tua trouxa urgente e presidenciável.
Vai nessa, pega indiretamente
essa última carona.
Tu estás na contramão
pois estás de pé no chão.

Na mão vem vindo a Ford,
a Esso, a Fiat, a Coca-Cola
e também a Nestlé
de outros chocolates e carnavais.
Pega a carona. Eles dão.
Mas no meio da viagem,
meu Brasil, meu brasileiro,
eles vão te repetir
a velha piada crua:
Ou dá ou desce...

Ei, Brasil, aonde vais?



ESTE LIVRO FOI IMPRESSO EM MANAUS,
NA GRÁFICA ZILÓ EM JUNHO DE 2014. O
PROJETO GRÁFICO – MIOLO E CAPA – FOI
FEITO PELA **GRÁFICA ZILÓ.**



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA